

DANIELLE STEEL

HOTEL VENDÔME

TRADUÇÃO DE
LUÍS SANTOS



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2016

CAPÍTULO 1

O cenário no átrio do Hotel Vendôme, na East 69th Street de Nova Iorque, era de uma elegância impecável e de uma precisão meticulosa. Os soalhos de mármore xadrez preto e branco estavam imaculados, toldos vermelhos eram abertos assim que caía uma gota de chuva no exterior, os ornamentos das paredes eram requintados e o enorme lustre de cristal pendurado no átrio lembrava os mais belos palácios europeus. O hotel era muito mais pequeno do que aquele que inspirara a decoração, mas para os hóspedes mais viajados assemelhava-se ao Ritz de Paris, onde o proprietário do Hotel Vendôme trabalhara como subgerente por dois anos, durante a sua formação nos melhores hotéis da Europa.

Hugues Martin era um homem de quarenta anos de idade, tendo-se formado na ilustre e respeitada École Hôtelière de Lausana, na Suíça. O hotel no Upper East Side de Manhattan era o seu sonho. Ainda não acreditava na sorte que tivera, na perfeição com que tudo se encaixara havia cinco anos. O pai, banqueiro suíço, e a mãe, igualmente conservadora, tinham ficado devastados quando ele anunciara que pretendia frequentar a escola de hotelaria. Vinha de uma família de banqueiros que considerava a gerência de um hotel, ou o simples facto de aí trabalhar, uma profissão desagradável, sendo que não o aprovavam de todo. Tinham feito tudo ao seu alcance para o demover, mas de nada valeu. Após quatro anos na escola em Lausana, Hugues formou-se e viria a ocupar cargos respeitáveis no Hotel du Cap,

em Cap d'Antibes, no Ritz de Paris e no Claridge's, em Londres, tendo até trabalhado por um breve período no afamado Peninsula Hotel, em Hong Kong. Durante esse tempo imaginou que se alguma vez tivesse um hotel próprio gostaria que fosse algures nos Estados Unidos.

Hugues trabalhou no Plaza de Nova Iorque antes de este encerrar para renovações prolongadas e partiu do princípio de que ainda estaria muito longe da concretização do seu sonho. Foi então que aconteceu. O Hotel Mulberry foi posto à venda. Era um pequeno hotel ultrapassado que há anos se degradava e que nunca fora considerado chique, pesasse embora a localização perfeita. Quando soube disso, Hugues juntou cada cêntimo das poupanças, fez todos os empréstimos possíveis, tanto em Nova Iorque como na Suíça, e usou a herança modesta que os pais lhe tinham deixado, e que ele reservava prudentemente e investira. A junção de tudo possibilitou a compra do hotel. Conseguiu fazê-lo com uma hipoteca sobre o edifício. De um momento para o outro, Hugues conseguiu comprar o Mulberry e levar a cabo as renovações necessárias, algo que demorou dois anos. No final desse tempo nascia o Hotel Vendôme, para espanto dos nova-iorquinos, a maioria dos quais nunca se apercebera de que havia um hotel naquela localização.

O edifício fora um pequeno hospital privado na década de 1920, tendo sido transformado em hotel na década de 1940, com uma decoração tenebrosa, de tão má. Num contraste absoluto, quando transformado, cada palmo do Vendôme ficou magnífico e o serviço era soberbo. Hugues trouxera *chefs* de todo o mundo para o restaurante, que se tornara extremamente popular. A gerente responsável pela parte da restauração era uma das melhores do ramo e todos concordavam que até a comida do serviço de quartos era fantástica. O hotel fora um êxito de um dia para o outro no primeiro ano de funcionamento e agora estava esgotado com meses de antecedência, com reservas feitas por hóspedes de todos os cantos do mundo. A suíte presidencial era uma das melhores

da cidade. O Hotel Vendôme era uma joia absoluta, com suítes maravilhosamente decoradas e quartos com lareira, ornamentos e tetos altos. O hotel estava virado para sul, pelo que a maioria dos quartos eram soalheiros, e Hugues escolhera a melhor porcelana, cristais e linhos, e tantas antiguidades quantas pôde adquirir, como o lustre do átrio, que comprara em Genebra, num leilão da Christie's. Viera de um palácio francês perto de Bordéus e estava em perfeito estado.

Hugues geria o hotel de 120 quartos com a precisão de um relógio suíço, um sorriso caloroso e uma mão de ferro. Os funcionários eram discretos e experientes, tinham uma memória espantosa de todos os clientes e mantinham ficheiros pormenorizados sobre as necessidades e pedidos de cada hóspede importante. Tudo isso fizera do Vendôme o mais popular dos pequenos hotéis de Nova Iorque durante os últimos três anos. Assim que alguém entrava no átrio percebia que se tratava de um lugar especial. Um pacote jovem aguardava junto à porta giratória, com uma farda inspirada nas dos *chasseurs* do Ritz: calças azuis, casaca curta, algum cordão dourado na gola e um pequeno chapéu redondo, ligeiramente inclinado, com correia por baixo do queixo. Para ir ao encontro das necessidades dos clientes havia um exército de pacotes prestáveis e uma equipa de porteiros eficientes. Todos agiam rapidamente para servir os hóspedes e os funcionários estavam prontos para atender a todos os pedidos, grandes e pequenos. Hugues sabia que um serviço impecável era essencial.

Os subgerentes usavam casacos de aba de grilo pretos e calças às riscas, mais uma vez inspirados no Ritz. O próprio Hugues estava disponível dia e noite, de fato azul-escuro, sempre de camisa branca e gravata *Hermès* escura, e tinha uma memória extraordinária de todos aqueles que se tinham hospedado no hotel, cumprimentando pessoalmente, sempre que possível, os mais importantes. Era o expoente máximo do proprietário de hotel e não havia pormenor que lhe escapasse ao olho treinado. Esperava também que os diretores de cada departamento estivessem à altura dos

padrões que ele impusera. Os hóspedes do hotel vinham à procura tanto do serviço como da decoração luxuosa.

A juntar a tudo isso, o hotel estava sempre cheio de flores espetaculares e o *spa* era um dos melhores. Não havia praticamente nenhum serviço que o pessoal não prestasse, conquanto fosse legal e de bom gosto. Mesmo sabendo das objeções dos pais, não podia deixar de imaginar que naquele momento estariam orgulhosos dele. Empregara bem o dinheiro deles e o hotel obtivera tanto êxito nos primeiros três anos, que estava quase sem dívidas. Não surpreendia, já que Hugues trabalhava noite e dia para ser bem-sucedido. A nível pessoal, a vitória custara-lhe bem caro. O preço pelo hotel fora a esposa. O acontecido fora alvo de mexericos entre os funcionários e hóspedes.

Nove anos antes, quando Hugues trabalhava no Claridge's de Londres, conhecera Miriam Vale, a supermodelo de fama internacional e de uma beleza espantosa. À semelhança de todos os que a viam, ele ficara deslumbrado assim que a conhecera. Fora de um decoro e de um profissionalismo sem par, tal como acontecia com todos os hóspedes dos hotéis em que trabalhara, mas ela era uma jovem de vinte e três anos e deixara bem claro que o desejava, pelo que Hugues se apaixonara perdidamente de um dia para o outro. Ela era americana e Hugues acabara por a seguir para Nova Iorque. Fora um período de sonho para ele, que aceitara um cargo mais baixo no Plaza para ficar na mesma cidade que ela e prosseguir com o romance. Para seu grande espanto, ela amava-o com a mesma intensidade e casaram-se no espaço de seis meses. Nunca fora tão feliz como nos primeiros anos juntos.

Dezoito meses depois, nascia Heloise, e Hugues sentia-se perdidamente apaixonado pela esposa e pela filha. Tremia, com receio de enfurecer os deuses, mas na altura dizia sempre que tinha uma vida perfeita. Além disso, era um homem dedicado. Apesar das tentações com que se deparava no mundo da hotelaria, amava de coração e era fiel à esposa. Miriam continuou a carreira de modelo depois de Heloise nascer e todos no Plaza mimavam a menina,

provocando-os quanto ao nome. Hugues garantiu-lhes sinceramente que a filha fora batizada segundo a bisavó dele e que não esperava permanecer para sempre no Plaza, pelo que não havia motivo para não usar o nome. Heloise tinha dois anos de idade quando Hugues comprou o Mulberry e o transformou no Vendôme. Na altura tinha tudo o que queria, uma esposa e uma filha que amava, e o seu próprio hotel. Miriam não se mostrara tão entusiasmada com o projeto e queixara-se de que isso iria ocupar-lhe demasiado tempo, mas ter um hotel próprio, ainda por cima como aquele que criara, sempre fora o sonho de Hugues.

Os pais ficaram ainda menos satisfeitos com Miriam do que com a entrada no ramo da hotelaria. Tinham sérias dúvidas quanto ao facto de uma supermodelo mimada, de vinte e três anos de idade, de uma beleza espantosa e famosa a nível internacional, poder vir a ser uma boa esposa. No entanto, Hugues amava-a profundamente e não tinha quaisquer dúvidas.

Tal como previsto por Hugues, foram precisos dois anos para renovar o hotel. Em pouco ultrapassara o orçamento e o resultado final fora tudo com que sempre sonhara.

Estava casado com Miriam havia seis anos e Heloise tinha quatro quando o Hotel Vendôme foi inaugurado, e Miriam posou cordialmente para alguns dos anúncios. O facto de o dono ser casado com Miriam Vale era uma mais-valia e os hóspedes masculinos, acima de tudo, esperavam sempre poder vislumbrá-la no átrio, ou no bar. Claro que mais do que a mãe, era a pequena Heloise de quatro anos que viam, atrás do pai, de mão dada com uma das criadas, e a menina encantava todos aqueles que a conheciam. Deixara de ser a Heloise do Plaza e passara a ser a Heloise do Vendôme, tornando-se uma espécie de mascote do hotel. Era claramente o orgulho da vida do pai.

Um dos primeiros hóspedes de uma das suítes de topo foi Greg Bones, o famoso e malcomportado artista *rocké*, que se apaixonou pelo hotel. Hugues sentia-se desconfortável com isso, pois Bones era conhecido por destruir quartos de hotel e por provocar o caos

onde quer que se hospedasse, mas, para grande alívio de Hugues, o músico comportou-se surpreendentemente bem no Vendôme. Além disso, os funcionários estavam absolutamente preparados para satisfazer todos os pedidos e necessidades das celebridades.

No segundo dia da estada, Greg conheceu Miriam Vale Martin no bar, cercada por assistentes, editores de revistas, estilistas e um fotógrafo famoso, na sequência de uma sessão fotográfica. Nessa tarde, tinham acabado uma produção de doze páginas para a *Vogue* e assim que reconheceram Greg Bones convidaram-no a juntar-se-lhes. O que aconteceu em seguida não demorou muito. Miriam passou grande parte da noite seguinte na suíte de Greg, enquanto Hugues trabalhava, julgando este que a esposa estivesse fora. Todas as criadas tinham noção do paradeiro da mulher do patrão e do que acontecera — os empregados do serviço de quartos tinham descoberto quando à meia-noite Greg pedira champanhe e caviar para eles. Rapidamente se tornou a conversa de fundo do hotel e a notícia espalhou-se como um incêndio florestal. No final da semana, Hugues também já ouvira falar do caso. Não sabia se a deveria confrontar, ou esperar que tudo passasse.

Hugues, Miriam e Heloise viviam num apartamento privado no piso abaixo das duas suítes de topo e a segurança do hotel tinha perfeita noção de que Miriam se esgueirava constantemente pelas escadas de serviço para se juntar a Greg na suíte, sempre que o marido se encontrava no gabinete. Era uma situação embaraçosa para Hugues, que não queria pedir à famosa estrela de *rock* que deixasse o hotel. O resultado seria um escândalo público. Em vez disso suplicou à esposa que pensasse bem e se comportasse. Sugeriu-lhe que se ausentasse durante alguns dias, para acabar com a loucura que estava a cometer. Todavia, quando Bones saiu do hotel, Miriam acompanhou-o até Los Angeles no seu avião privado. Deixou Heloise com Hugues e prometeu que regressaria dali a algumas semanas, dizendo que era algo que tinha de resolver. Implorou ao marido que compreendesse. Para Hugues, foi um desgosto e uma humilhação, mas não queria perder a esposa.

Esperava que se a deixasse ir, ela superasse rapidamente a paixão. Miriam tinha vinte e nove anos e Hugues imaginava que ela ganharia juízo. Amava-a e tinham uma filha. No entanto, nessa altura a notícia já chegara aos tabloides e à página seis do *New York Post*. Foi uma humilhação para Hugues, à frente de todos os funcionários e de uma cidade inteira.

Hugues disse a Heloise que a mãe se ausentara em trabalho, algo que a menina já compreendia. A história tornou-se mais difícil de manter quando Miriam não regressou a casa. Três meses depois, em Londres com Greg Bones, Miriam disse-lhe que ia pedir o divórcio. Fora o momento mais devastador da vida de Hugues e embora a atitude para com os hóspedes se tivesse mantido inalterada, sempre sorridente e atencioso, nos três anos desde então, quem o conhecia bem tinha perfeita noção de que não voltara a ser o mesmo. Estava mais alheado, mais sério, profundamente magoado e solitário nos seus momentos privados, embora ostentasse uma expressão alegre para os funcionários e para os hóspedes.

Desde o divórcio, Hugues tornara-se o expoente máximo da discrição. O assistente e alguns dos diretores dos departamentos sabiam dos relacionamentos discretos que ia mantendo, ocasionalmente, com hóspedes do hotel, ou com mulheres de boa ascendência, ou bem-sucedidas, de toda a cidade. Era um dos solteiros mais cobiçados de Nova Iorque, sendo convidado para tudo, embora raramente aceitasse. Preferia manter-se discreto e guardar para si a vida pessoal. Além disso, passava a maior parte do tempo a trabalhar no hotel. O Vendôme sobrepunha-se a tudo para ele, salvo à filha, que vinha sempre em primeiro lugar. Não tinha uma relação séria desde que Miriam partira, nem o queria. Acreditava que para gerir devidamente um hotel era preciso sacrificar a própria vida. Estava sempre presente, mantendo-se atento a tudo e trabalhava horas sem fim, muitas vezes nos bastidores, para garantir o bom funcionamento do hotel.

Um mês depois de o divórcio de Hugues estar oficializado, Miriam casou-se com Greg Bones. Estavam agora casados havia

dois anos, e seis meses antes tinham tido uma menina. Heloise só vira a mãe um punhado de vezes desde que ela partira, sentindo-se triste com isso, e Hugues estava furioso com Miriam. Esta andava demasiado ocupada com a vida nova, demasiado obcecada com Greg, e agora com a filha de ambos, para se preocupar com Heloise, ou sequer para a ver. Heloise e Hugues tinham-se tornado relíquias do passado de Miriam. Hugues não tinha por isso outra alternativa que não ser mãe e pai da filha. Nunca comentou a situação com Heloise, mas considerava as circunstâncias profundamente dolorosas para ambos.

No hotel, Heloise estava constantemente cercada por mães substitutas dedicadas, fosse ao balcão da receção, no serviço de quartos, com as criadas, a florista, a cabeleireira ou as raparigas que trabalhavam no *spa*. Todos adoravam Heloise. Não havia como substituir uma mãe verdadeira, mas pelo menos tinha uma vida feliz, sendo adorada pelo pai. Aos sete anos, era a princesa do Hotel Vendôme. Os hóspedes habituais conheciam-na e de vez em quando levavam-lhe pequenos presentes. Graças à preocupação do pai com a formação e as boas maneiras, Heloise era não só adorável mas também extremamente educada. Usava vestidinhos lindos com aventais, e todos os dias, antes de a menina ir para a escola no Lycée Français, ali perto, a cabeleireira penteava-lhe o longo cabelo ruivo em tranças com fitas. O pai levava-a à escola todos os dias antes de começar a trabalhar. A mãe telefonava-lhe mensal ou bimestralmente, quando se lembrava.

Hugues estava na receção ao serão, como tantas vezes fazia quando conseguia afastar-se de outras tarefas, a observar o que se passava no átrio e a cumprimentar discretamente os hóspedes. Sabia sempre ao certo quem estava hospedado no hotel. Confirmava as reservas diariamente, tinha noção de quem lá estava, quando chegavam e quando iriam partir. Vivia-se uma calma familiar no átrio à medida que os hóspedes se registavam. A senhora

Van Damme, uma conhecida viúva aristocrata, acabara de chegar do passeio diário com o seu pequinês e Hugues acompanhou-a devagarinho até ao elevador enquanto trocavam algumas palavras. No ano anterior, ela mudara-se para uma das maiores suítes do hotel e levava consigo alguma da sua mobília, além de importantes obras de arte. Tinha um filho em Boston que raramente a visitava e a senhora gostava bastante de Hugues, vendo em Heloise a neta que nunca tivera, pois só tinha netos, entre eles um da mesma idade de Heloise. Falava muitas vezes em francês com Heloise, pois esta frequentava o Lycée Français, e a menina adorava acompanhá-la nos passeios com o cão. Caminhavam com lentidão e a senhora Van Damme contava-lhe histórias de quando era pequena. Heloise adorava-a.

— Onde está a Heloise? — perguntou a senhora Van Damme, com um sorriso caloroso, enquanto o ascensorista esperava por eles, e Hugues trocou mais dois dedos de conversa com a senhora. Tinha sempre tempo para os hóspedes. Por mais ocupado que estivesse, nunca o deixava transparecer.

— Lá em cima, a fazer os trabalhos de casa, espero. — Se não estivesse, ambos sabiam que deveria andar pelo hotel, a visitar os amigos. Adorava empurrar o carrinho das criadas e distribuir as loções e os champôs. Elas davam-lhe sempre os que ficavam a mais.

— Se a vir diga-lhe que vá tomar chá comigo quando acabar — sugeriu a senhora Van Damme com um sorriso. Era habitual Heloise fazer isso e partilharem sanduíches de pepino ou salada de ovo, e éclairs levados pelo serviço de quartos. Dispunham de um *chef* britânico, vindo do Claridge's, que estava encarregue exclusivamente do chá da tarde, o melhor da cidade, embora o *chef* principal fosse francês, tendo sido também recrutado em pessoa por Hugues. Cada aspeto do hotel tinha o seu dedo, tanto na «frente da casa» como nas traseiras. Fazia parte de tudo o que tornava o Hotel Vendôme tão especial. Os funcionários eram formados para garantir um atendimento personalizado e tudo começava com Hugues.

— Muito obrigada, senhora Van Damme — agradeceu Hugues educadamente, e ofereceu-lhe um sorriso enquanto as portas do elevador se fechavam. Ao regressar ao átrio pensou na filha e esperou que ela estivesse a acabar os trabalhos de casa, tal como ele lhe dissera para fazer. Tinha outras coisas com que se preocupar, embora parecesse tão descontraído, que ninguém imaginava o caos em que naquele momento se encontrava. Tinham recebido várias queixas dos hóspedes, pois, meia hora antes, tinham-se visto obrigados a cortar a água na maioria dos pisos. Explicaram que estavam a decorrer algumas reparações de pequena monta, e os telefonistas e funcionários do hotel garantiam a todos os que pediam explicações que a água voltaria a correr no espaço de uma hora. No entanto, a verdade era que um cano rebentara na cave, todos os técnicos de manutenção e canalizadores do hotel estavam a trabalhar nisso e, minutos antes, tinham sido chamados canalizadores de fora.

Hugues parecia calmo enquanto descansava com um sorriso todos com quem falava. Ao vê-lo, qualquer um partiria do princípio de que estava tudo controlado. Comentou com ligeireza o corte de água a todos os hóspedes que se registavam. Dizia-lhes que o serviço de canalização seria restaurado a qualquer momento e perguntava se o serviço de quartos poderia enviar alguma coisa aos quartos. Não o referiu, mas essa cortesia não seria cobrada, é claro, para compensar a falta de água e o inconveniente. Optara por permanecer no átrio para que os hóspedes que iam chegando tivessem a sensação de que tudo estava bem. Só esperava que o cano rebentado fosse localizado e reparado rapidamente. Tinham esperança de que o serviço de quartos não fosse obrigado a encerrar. A cozinha principal já estava a nadar em vinte centímetros de água e todos os funcionários passíveis de serem dispensados tinham sido enviados para a cave para ajudar. Nada disso transparecia no átrio. Hugues tencionava descer dali a minutos para voltar a confirmar a situação. Pelo que lhe diziam, a inundação na cave

estava a piorar. Afinal de contas, apesar de todas as renovações, o hotel já era velho.

Enquanto Hugues recebia um casal de aristocratas espanhóis que tinha acabado de chegar da Europa, na cave vivia-se o caos absoluto. Ao observar a aparência de calma e elegância no átrio, ninguém poderia imaginar a confusão lá em baixo.

Na cave, os homens gritavam, a água subia e jorrava em torrente de uma parede, enquanto técnicos de fardas castanhas se deslocavam com dificuldade pela inundação, ensopados dos pés à cabeça. Quatro canalizadores estavam a trabalhar no problema e os seis técnicos de manutenção do hotel tinham sido chamados da folga. Mike, o técnico-chefe, estava próximo do ponto de origem da torrente e esforçava-se ao máximo para tentar localizar a fonte. Tinha um cinturão à volta da cintura com uma série de chaves-inglesas penduradas. Enquanto experimentava uma após a outra, uma vozinha atrás dele sugeriu-lhe que tentasse a maior. Ao ouvir a voz familiar acima do barulho, Mike virou-se, surpreendido, e viu Heloise a observá-lo com interesse. Estava com água até aos joelhos, vestia um biquíni vermelho e um impermeável amarelo, e apontava para a maior das chaves-inglesas que o técnico tinha no cinto.

— Acho que devias usar a grande, Mike — aventou ela calmamente, muito perto dele, de olhos verdes arregalados e o cabelo ruivo brilhante ainda nas suas tranças impecáveis. Por baixo da água, o funcionário viu que ela estava descalça.

— Está bem — concordou ele —, mas vais para ali. Não quero que te magoes. — A menina assentiu com seriedade e depois sorriu-lhe. Tinha sardas e faltava-lhe os dois dentes da frente.

— Não faz mal, Mike, eu sei nadar — tranquilizou-o.

— Espero que não seja preciso — retorquiu Mike enquanto pegava na maior chave-inglesa que tinha no cinto e que, fosse como fosse, estava prestes a usar. Heloise encontrava-se sempre presente para ver tudo o que se passava no hotel. Gostava especialmente de andar com os técnicos de manutenção. Mike indicou

o lugar para onde ela deveria ir e Heloise, obediente, subiu para um ponto mais elevado, onde ficou a falar com funcionários da cozinha que tinham vindo ver o que poderiam fazer para ajudar. Nesse momento, chegaram os canalizadores externos, que atravessaram a água cada vez mais alta para se juntarem aos outros. Vários porteiros chegaram para retirar garrafas de vinho caro das adegas e os empregados de cozinha ajudaram-nos.

Meia hora depois, após muito trabalho por parte tanto dos técnicos de manutenção do hotel como dos canalizadores de fora, a fuga foi localizada, as válvulas corretas foram fechadas e os canalizadores trabalhavam na reparação. Heloise voltou para junto de Mike, bateu-lhe no ombro e disse-lhe que tinha feito um belo trabalho. O técnico riu-se ao olhar para ela, pegou-lhe ao colo, dirigiu-se aos subchefes, de chapéus brancos altos, casacos brancos e calças xadrez que estavam à porta da cozinha, e pousou-a.

— Se tu te magoas, o teu pai mata-me, minha menina. Quero que fiques aqui. — Tinha noção de que a ordem seria inútil. Heloise nunca ficava muito tempo no mesmo sítio.

— Não tenho aqui nada para fazer — queixou-se a menina. — O serviço de quartos está demasiado ocupado. Não os posso incomodar. — Sabia que não devia atrapalhá-los durante as horas de maior movimento.

Por essa altura, a receção recebia telefonemas frenéticos. Os hóspedes queriam vestir-se para o serão e descobriam que não tinham água com que tomar banho e todos quantos ligavam para o serviço de quartos eram informados de que estavam bastante ocupados e que os pedidos sofreriam um atraso, mas o hotel oferecia vinho ou bebidas por conta da gerência. Hugues sabia que uma situação como aquela poderia prejudicar gravemente a reputação de um hotel, a menos que tudo fosse gerido com graciosidade e decoro. Falou pessoalmente com os hóspedes mais importantes para se desculpar e pediu à gerente de restauração que enviasse uma garrafa de *Cristal* a cada quarto, além de estar pronto a fazer um desconto na tarifa de cada quarto afetado nessa noite. Sabia

que iria sair-lhe caro, mas seria ainda mais dispendioso não o fazer. Qualquer hotel podia ter problemas, mas a forma como eles eram solucionados fazia toda a diferença entre um hotel de segunda categoria e um hotel de luxo como o Vendôme, estabelecimento a que chamavam «palácio» na Europa. Até ao momento, ninguém estava ainda realmente furioso com a gerência. Os hóspedes estavam apenas incomodados, mas satisfeitos com o vinho e o champanhe gratuitos. O que acabariam por pensar do inconveniente dependeria da celeridade com que os canalizadores e os técnicos de manutenção fizessem as reparações. Teriam de dar o seu melhor nessa noite e nos dias seguintes seriam obrigados a um esforço mais profundo para substituir o cano rebentado. Naquele momento só precisavam de água para o hotel, para que os serviços voltassem ao normal.

Quarenta e cinco minutos depois, Hugues pôde finalmente deixar a receção e descer à cave para ver o que se passava. As bombas já tinham sido ligadas para retirar a água e quando o dono chegou ouviu-se uma saudação. Os canalizadores tinham conseguido contornar o cano e voltar a ligar a água. Os empregados do serviço de quartos afanavam-se para entregar garrafas de vinho e de champanhe aos hóspedes. Heloise dançava na água, de biquíni e impermeável, ostentando o feliz sorriso desdentado e batendo palmas. Assim que o viu dirigiu-se ao pai, que a olhou com uma expressão pesarosa. Não estava satisfeito por a ver ali, mas também não se surpreendeu e os subchefes com quem ela estivera a falar riram-se. Heloise nunca faltava à ação, tal como o pai. Fazia tanto parte do hotel como Hugues.

— O que estás aqui a fazer? — perguntou-lhe o pai, tentando dar um tom severo à voz, mas sem grande êxito. Tinha um ar tão adorável que lhe era difícil zangar-se, e raramente assim ficava, mesmo orgulhando-se de ser rígido. Claro que nunca conseguia. O simples facto de estar a olhar para ela derretia-lhe o coração e a falta dos dentes da frente tornava-a ainda mais irresistível. Ficou com vontade de rir por a ver com o fato de banho vermelho e

o impermeável amarelo. Aperaltara-se para a ocasião. Desde que a mãe se fora embora que todos os dias ele a ajudava a vestir-se para a escola.

— Vim ver o que podia fazer para ajudar — respondeu ela num tom bastante prático. — O Mike fez um grande trabalho. Não havia nada que eu pudesse fazer. — Encolheu ao de leve os ombros e o pai riu-se. As pessoas comentavam sempre que ela parecia europeia.

— Espero bem que não — retorquiu Hugues, tentando não se rir. — Se passares a ser o técnico-chefe de manutenção ficamos em apuros. — Acompanhou-a de volta à cozinha enquanto falava, após o que foi felicitar os canalizadores e os técnicos pelo bom trabalho realizado. Era sempre célere a lidar com os funcionários e estes gostavam de trabalhar para Hugues, embora por vezes ele fosse duro.

Esperava muito deles e de si próprio, e todos concordavam que geria uma máquina perfeita. Fazia parte da sua formação e os hóspedes gostavam disso; sabiam que podiam contar com um nível elevado de excelência quando ficavam no Vendôme. Hugues geria tudo na perfeição.

Quando Hugues voltou à cozinha, Heloise comia um biscoito e falava em francês com o *chef* pasteleiro. Ele fazia-lhe sempre *macarons* franceses que ela levava para a escola, para o almoço.

— Então e os teus trabalhos de casa, minha menina? O que lhes aconteceu? — perguntou-lhe o pai com um tom sério. Heloise arregalou os olhos e abanou a cabeça.

— Não tenho nenhum, papá.

— Porque será que não acredito nisso? — fitou-lhe cuidadosamente os grandes olhos verdes.

— Já os fiz. — Estava a mentir, mas Hugues conhecia-a bem. A filha preferia andar pelo hotel a ficar sozinha no apartamento, a fazer os trabalhos de casa do Lycée.

— Quando chegaste da escola vi-te no meu gabinete a fazer colares com cliques. Se calhar é melhor confirmares.

— Bem, sou capaz de ter umas coisas de matemática para terminar — admitiu Heloise com um ar embaraçado. O pai deu-lhe a mão e levou-a até ao elevador das traseiras. Quando se dirigira à cave, a menina deixara aí um par de tamancos vermelhos. Calçou-os para regressar ao piso superior.

Assim que chegaram ao apartamento, Hugues mudou de fato e de sapatos. Tinha as bainhas das calças e os sapatos ensopados devido à rápida visita à cave. Era um homem alto e magro, de cabelo escuro e olhos verdes como os de Heloise. A mãe da menina era loura e alta, de olhos azuis. A bisavó, em honra da qual Heloise fora batizada, tinha cabelo ruivo como a pequena.

Hugues envolveu-a com uma toalha e disse-lhe que mudasse de roupa. Voltou minutos depois com calças de ganga, uma camisola cor-de-rosa e sapatilhas de bailado também rosadas. Tinha aulas de bailado duas vezes por semana. Hugues queria que ela tivesse a vida de uma criança normal, mas tinha bem noção de que tal não acontecia. Sem a presença de uma mãe, a vida da pequena já era invulgar, além de todo o seu mundo girar em torno do hotel. Ela adorava tudo quanto lá se passava.

Assim que se vestiu, lançou um olhar pesaroso ao pai, sentou-se à secretária da sala e tirou o manual de matemática e o caderno da escola.

— Vê se fazes tudo. E chama-me quando acabares. Venho cá acima e se puder janto contigo. Primeiro, tenho de garantir que as coisas já acalmaram.

— Sim, papá — anuiu ela em voz baixa quando o pai saiu do apartamento para voltar à receção e confirmar o estado das coisas.

Heloise deixou-se ficar sentada durante alguns minutos, a olhar, sonhadora, para o livro de matemática, e depois foi em bicos de pés até à porta. Entreabriu-a e espreitou para o corredor. A costa estava livre. Por essa altura, o pai já estaria de volta ao átrio. Com um sorriso traquinas e desdentado, que lhe dava um ar de diabrete, mercê das sardas e cabelo ruivo, Heloise saiu do apartamento e desceu pelas escadas das traseiras nas suas calças de ganga e

sapatilhas de bailado cor-de-rosa. Sabia exatamente onde estariam as suas criadas de noite preferidas. Cinco minutos depois, ajudava-as a empurrar o carrinho com os cremes, os champôs e as loções, enquanto elas arrumavam os quartos dos hóspedes. A menina adorava esse período, a altura em que deixavam pequenas caixas de chocolates a cada hóspede, de La Maison du Chocolat. Os chocolates eram deliciosos e, como sempre, Ernesta e Maria deram-lhe uma das caixas. Depois de lhes agradecer, serviu-se dos chocolates com um sorriso rasgado.

Hoje tivemos muito que fazer na cave — informou-as com gravidade, em espanhol. Desde que começara a falar que lhe ensinavam espanhol. Antes dos cinco anos já era fluente em francês e em espanhol, além do inglês. Para Hugues, era importante que ela falasse várias línguas. Sendo suíço, ele também falava italiano e alemão.

— Pois, já ouvi dizer — respondeu-lhe Ernesta, a portorriquenha maternal, com um abraço. Heloise adorava estar com ela e deu-lhe a mão. — Deves ter andado muito ocupada esta tarde — comentou Ernesta com um brilho nos olhos, e Maria, a bonita criada de noite, riu-se. Tinha filhos da idade de Heloise. As mulheres nunca se importavam de ter a companhia da menina durante as visitas a cada quarto. Ela estava sempre ansiosa por alguma companhia feminina e sentia-se sozinha no apartamento.

— A água chegou até aqui — explicou Heloise, com a mão um pouco acima dos joelhos. — Mas já está tudo arranjado. — As duas mulheres tinham ficado a saber pelos técnicos que nos dias que se seguiriam teriam lugar reparações mais profundas.

— E quanto aos teus trabalhos de casa? — perguntou-lhe Ernesta. Heloise evitou-lhe o olhar enquanto remexia nos champôs. Tinham mudado recentemente de marca, para uma mais luxuosa, e Heloise adorava o cheiro do novo. — Já os fizeste?

— Sim, é claro — respondeu Heloise, com um sorriso malandro. Empurraram o carrinho até ao quarto seguinte e Heloise passou-lhe mais dois champôs. Acompanhou-as nas suas rondas

até que um alarme interno disparou, dizendo-lhe que era altura de regressar. Deu-lhes um beijo de boa noite e subiu as escadas traseiras, mesmo a tempo de voltar ao apartamento e sentar-se outra vez à secretária. Tinha acabado o último problema quando o pai entrou para jantar com ela. Tinha feito o pedido ao serviço de quartos, como sempre, embora naquela noite um pouco mais tarde do que o habitual. O horário de Heloise tinha de ser flexível, para se adaptar ao dele, mas o jantar juntos era um ritual muito importante para ambos.

— Desculpa o atraso — disse Hugues ao entrar. — As coisas lá em baixo estão complicadas, mas pelo menos já toda a gente voltou a ter água. — Rezava para que não houvesse mais uma fuga, mas por enquanto as coisas estavam a aguentar-se, conquanto as reparações necessárias fossem levadas a cabo em breve.

— O que é o jantar? — quis saber Heloise ao fechar o livro de matemática.

— Frango, puré de batata, espargos e gelado para a sobremesa. Parece-te bem? — indagou o pai, com um olhar de devoção.

— Perfeito. — Sorriu-lhe e envolveu-lhe o pescoço com os braços. Era a mulher da vida dele e fora a única importante nos últimos três anos, desde que a mãe se fora embora. Enquanto a abraçava, o jantar chegou. O *chef* acrescentara *escargots* para Heloise, pois sabia que ela os adorava, e profiteroles para a sobremesa. Não era de todo um jantar vulgar para uma criança, mas essa era uma das vantagens de se viver num hotel. Hugues tinha amas próprias e desfrutavam os dois dos serviços prestados pelo hotel, incluindo refeições requintadas.

Instalaram-se na sala de jantar do apartamento e falaram sobre o hotel, como sempre. Heloise perguntou-lhe quais os hóspedes importantes que se tinham registado e se estavam previstas estre-las de cinema para breve, após o que ele lhe contou uma versão simplificada mas correta do que fizera nesse dia, enquanto ela o fitava com adoração. Hugues gostava de lhe explicar tudo acerca do hotel. Com Heloise para amar e o hotel para o manter ocupado,

não precisava de mais nada na vida. Heloise também não. Viviam num mundo protegido que lhes servia perfeitamente. Ela perdera uma mãe e ele uma esposa, mas tinham-se um ao outro, algo que por enquanto lhes parecia mais do que suficiente. Nas suas fantasias do futuro, Hugues gostava de pensar que quando a filha crescesse iriam gerir o hotel juntos. Até então, tinham vivido no hotel que fora o seu sonho.